

mudar
a



vida

publicação do graal

19

JULHO/AGOSTO 1979

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos

O GRAAL — O QUE SOMOS?

Tão absorvido tem estado nas mais variadas tarefas, tão intenso é o seu enraizamento no existencial concreto, que o relato do que o Graal é e do que faz, a informação sobre o já vivido e o já passado, acabam por ficar em segundo plano.

O facto de Maria de Lourdes Pintasilgo ter assumido funções de Primeira Ministra e da sua vida ter aparecido aos olhos de toda a gente como inequivocamente moldada pela sua participação no Graal, suscitou uma curiosidade legítima que neste momento julgamos oportuno tentar satisfazer. Daí as breves notas sobre o Graal que a seguir apresentamos.

IDENTIFICAÇÃO NECESSÁRIA

É difícil dizer o Graal. Ninguém que o conheça por dentro se pode satisfazer com uma definição apresada. Movimento? Organização? Associação? Qualquer enquadramento puramente institucional surge como estreito e limitativo. «Movimento internacional de mulheres cristãs» seria a sigla mais fácil porque mais convencional. Mas o Graal dificilmente aceita as convenções. Daí a multiplicidade de fórmulas com que, ao longo dos anos, se tem auto-apresentado:

- «espaço de encontro e de procura»
- «encruzilhada de reflexão crítica»
- «lugar de empenhamento»
- «plataforma de acção/reflexão»
- «laboratório de inovação».

Sugestões vagas e inacabadas? São-no concerta. Mas não é o Graal, ele-próprio, o inacabado permanente, a busca nunca terminada, que a lenda medieval, que está na origem do seu nome, sugere?

Mais do que uma instituição o Graal é uma corrente viva que se desenha no fluir dos acontecimentos e das histórias vividas. Como fixar essa corrente? Contando a história e as vidas. Daí que o Graal se conte e não se teorize. Daí que as tentativas de explicação racional deixem sempre insatisfeitos quem as formula.

E, no entanto, para ser socialmente identificado e reconhecido o Graal não pode recusar um certo en-

quadramento institucional. Em termos de personalidade civil o Graal tem, no nosso país, o estatuto jurídico de «Associação de carácter social e cultural»; em termos eclesiais é um movimento de apostolado leigo, internacionalmente reconhecido como tal.

Mulheres de diferentes culturas, idades e situações de vida — na Tanzânia, nas Filipinas ou em Portugal, jovens e adultas, casadas e solteiras, trabalhadoras em meio rural e meio urbano, recém-alfabetizadas e intelectuais... O que as une? A resposta foi pela primeira vez formulada pelo grupo de estudantes da Universidade de Nimegue (Holanda) que, em 1921, se lançou na «procura do Graal». Tratava-se então de despertar as energias e capacidades das mulheres para as pôr ao serviço da «Igreja e do mundo». Trata-se agora — e a meta permanece a mesma embora a linguagem seja outra — de olhar as mulheres como uma nova força social, capaz de contestar, subverter e inovar, e de assim contribuir para a mudança qualitativa da vida em sociedade.

É isso que, em termos necessariamente formais, nos dizem os objectivos indicados nos estatutos da «Associação Graal»:

- Proporcionar condições de valorização pessoal e educação permanente a mulheres de todas as condições sociais;

- Estimular a contribuição das mulheres para a criação de novos modelos de vida em sociedade ao nível local, nacional e internacional;
- Promover a compreensão e a solidariedade entre mulheres de diferentes nacionalidades, raças e culturas;
- Suscitar a introdução de valores de ordem ética e transcendental nas tarefas de ordem técnica, social e cultural.

Será isto dizer tudo? É evidente que não. Como movimento cristão que é, o objectivo do Graal diz-se

também em linguagem evangélica e aí os quatro objectivos referidos ganham uma nova dimensão. Se é preciso justificar o Graal diremos que a sua razão última de ser é fazer emergir na vida de cada dia a Boa-Notícia ou Boa-Nova que o Evangelho de Jesus Cristo veio trazer. Ora essa notícia é, como sabemos, a promessa de uma «nova terra». Para quê, então, o Graal senão para desafiar as mulheres a participarem activa e conscientemente na construção dessa «nova terra»?

T. S. C.

PARA MIM O GRAAL É . . .

esta corrente tecida com os rostos concretos da amizade e a tão concreta caminhada dia a dia em busca da novidade da vida

esta solidariedade que se contagia: mulheres que descobrem a força das mulheres e têm a ousadia de se saberem e se quererem participantes efectivas na longa difícil criação permanente do universo

este gesto de fé no Evangelho que revoluciona todas as vidas e a vida toda

este desejo de vida em abundância enraizado no interior da fé, crescendo por dentro dos conflitos e das tensões da vida

este espanto emocionado de reconhecer as dife-

renças nas pessoas, nos locais, nos países

este modo de construir a unidade com o jeito de cada pessoa, a marca de cada situação, o gosto de cada cultura

esta tentativa de rasgar os espaços para o futuro, de viver os sonhos, de experimentar existencialmente as alternativas

esta aposta inabalável na mudança

este grito de urgência

esta emergência de esforços e talentos

esta loucura de cativar o impossível

este jeito definitivamente possível de estar na vida.

Maria Antónia Coutinho

Projecto de Apoio ao Ano Propedêutico Lisboa

TENSÃO ENTRE PÓLOS

O facto de o Graal ser um grupo internacional, com uma grande diversidade de participantes, trazendo cada uma as condições históricas do seu país e da situação em que vive, leva-nos a perguntar como se vive no Graal esta diversidade. E porquê? É que não se trata de, no meio da diversidade, procurar um «menor denominador comum», ou de encontrar uma situação de compromisso, de modo a satisfazer todas as tendências. Trata-se antes de tentar agarrar e exprimir a condição dialéctica da existência e da vida cristã.

É inerente à visão do Graal o reconhecimento de pólos opostos na vida e a convicção de que nenhum desses pólos se pode desenvolver em detrimento dos outros. Aqui está de facto um carisma do Graal: a afirmação da compatibilidade de tendências opostas, não como um compromisso, não como uma média matemática, mas como expressão de uma realidade vital. Este carisma caracterizou, sem dúvida, o Graal desde o seu início.

O princípio vital da tradição do Graal é a **harmonia de pólos opostos**. É uma linha de crescimento que se não desenvolve numa direcção sacrificando o dinamismo da outra, mas que ao aceltar o zig-zag da vida integra ideias e alternativas aparentemente contraditórias. Este princípio supõe que as polarida-

des não são vividas como um mal necessário, mas que, pelo contrário, são a condição mesma da vida, a fonte de novas energias que surgem duma síntese e não duma mutilação.

Para alguns, esta afirmação da unidade de tendências opostas, esta tentativa de harmonizar qualidades contrárias, aparece como utópica. Ninguém pode negar a realidade desse perigo, mas ele não deveria impedir-nos de perseguir o objectivo. No nosso tempo é fundamental a ideia de que existe um processo dialéctico em todos os aspectos da vida. Não é em linha recta que a vida se desenvolve — há que aceitar a presença de contradições, deixar que elas se debatam entre si para darem origem a uma nova síntese. E este processo é tão verdade para os grupos como para os indivíduos. De facto, até a paz e a estabilidade aparente do universo físico são o resultado de um infinito jogo de forças opostas que mantêm a matéria em estado de tensão contínua.

Fé/Mundo

Uma das tensões que encontramos no contexto do Graal e da Igreja é a polaridade entre um **compro-**

misso no mundo em ordem à transformação das sociedades e o **dinamismo da fé**.

Por um lado, afirmamos a convicção de que somos sujeitos da História, capazes de intervir no seu curso, introduzindo uma orientação e alguma novidade no seio dos determinismos que a movem e o desafio a que a nossa vida contribua para tornar o planeta Terra habitável para todos... Por outro lado, ouvimos o convite do Evangelho a olhar para diante, certos de que, cada etapa conquistada é ainda lugar de passagem, limitada e relativa, e que o «futuro absoluto» que esperamos e preparamos, não coincide com nenhuma das etapas percorridas.

Nas acções em que se empenha o Graal procura viver este duplo desafio: comprometendo-se até ao limite, como se tudo dependesse do esforço feito, para logo a seguir reconhecer que o ponto de chegada está para além, em Jesus Cristo, que caminha à nossa frente.

Pessoa/Comunidade

Outra das tensões que experimentamos situa-se na polaridade **pessoa-comunidade**. Por um lado, dizemos que somos uma comunidade de mulheres, um esforço de grupo, uma comunidade de ideais e de acções. Por outro, afirmamos, tanto em teoria como na vida, o valor único de cada pessoa, o desejo de desenvolver maximamente as suas potencialidades, não a submetendo às necessidades colectivas imediatas. Por isso, surge às vezes a irrupção de um desejo de autonomia que leva a sacudir as estruturas, para logo a seguir se redescobrir a necessidade de existir-em-relação, de procurar outras formas de vida comunitária.

A tensão entre pessoa e comunidade não se resolve uma vez por todas. Pelo contrário, será necessário procurar continuamente uma harmonia, em patamar sempre novo, entre os dinamismos de **identidade pessoal e comunitária**.

Corrente/Estrutura

O Graal é certamente um espírito, uma corrente vivida por mulheres nas mais variadas circunstân-

PARA MIM O GRAAL É...

*O espaço em que me defino
A escolha que me limita
A forma que me congrega
O quadro em que me encontro inteira.
O concreto em que permaneço
A opção prioritária
O passo que me prende
A dialéctica que prova que existo.
O tempo que me consome
A energia em que me transformo
A força com que arrisco
O alimento que me renova.
O espelho aonde me vejo
A resposta que ainda procuro
A interrogação que não sei formular.
O desconhecido que me atrai
A participação no que me ultrapassa
O oceano aonde sou gota.*

*Margarida Amélia Santos
Professora do Ensino Secundário
Torres Vedras*

cias. Por um lado, vivemos esse carácter de corrente, necessariamente fluida e inconstante em quadros bem definidos — o que nos faz não responder com exactidão a quem nos pergunta: «E quantas são?!» E isto precisamente porque a participação no Graal se alarga à maneira da pedra que cai na água: criando círculos cada vez mais abertos e envolventes... Por outro lado, sentimos a necessidade de definir com clareza o que é ser participante do Graal, para podermos assim encontrar as estruturas adequadas ao grupo que somos.

Deparamos então com uma outra tensão entre o carácter amplo dum corrente e a estabilidade, a rigidez até, da definição de «participante». Há, no entanto, uma relação dinâmica entre estes dois pólos: **a corrente** deve ser estimulada e desenvolvida pelos elementos estruturais e **as estruturas** devem ser abertas às mudanças que a existência dum corrente lhes trazem.

PARA MIM O GRAAL É

Um grito de urgência, uma força de mudança, uma conquista no desconhecido, uma procura de verdade.

Uma forma de estar presente na vida. Uma maneira diferente de aprender a conhecer o mundo para despertar novas questões. Uma maneira diferente de encarar a tensão salutar entre a tecnologia e a vida, entre a máquina e o humano. Uma maneira diferente de relação com os outros no projecto comum de edificação do novo. Uma maneira diferente de viver a fé numa Igreja dialéctica que constrói e é construída, que sente (ou devia sentir) a responsabilidade de discernir e ser semente de

Palavra e de Vida. A força motriz do caminhar de todos os dias.

E depois há a realidade colectiva que o Graal é: mulheres cristãs, das mais diversas culturas, que apostam na sua criatividade, que acreditam na força inovadora do Evangelho e que têm consciência de que não vão sozinhas na caminhada pois, mesmo que muito longe, sabem que existe uma «linha imaginária» que é preciso não deixar quebrar.

*Fátima Cordeiro
Estudante de Engenharia
Lisboa*

Existe ainda outra tensão entre a afirmação do carácter nacional de um grupo e do carácter internacional que é intrínseco ao Graal no seu conjunto.

Por um lado, o Graal só pode contribuir efectivamente para a realidade do mundo e da Igreja se estiver autenticamente enraizado nos diferentes locais. Por outro, o seu carácter internacional não é unidade de topo ou de objectivo, nem é uma federação de grupos autónomos ou de ramos diferenciados.

A dimensão internacional do Graal deve estar viva nas situações concretas, o que significa que cada membro do movimento deve poder reconhecer-se e ser reconhecida em qualquer parte do mundo como fazendo parte da mesma família e vivendo do mesmo espírito. Mais ainda, significa a capacidade de tornar a dimensão internacional autenticamente presente nas manifestações de vida do Graal na sua realidade local. A presença, em cada equipa, de participantes de outros países, não como «estrangeiras» mas como elementos verdadeiramente responsáveis, é um dos factores que ajuda a estabelecer, no quotidiano, a relação entre a dimensão nacional e internacional.

A diversidade no Graal é para nós um desafio e um sinal. Desafio a viver a vida na sua complexidade e riqueza, não deixando que um simplismo fácil a limite destruindo os elementos contraditórios ou apagando a multiplicidade dos contornos... Sinal da realidade **outra** que desejamos construir e acolher, e de que, distante embora, ouvimos já o prelúdio...

M. L. P.

In «Grail Review», 1965

PARA MIM O GRAAL É...

Um grupo de mulheres que ajudam a fazer o sentido da minha própria existência.

Uma forma de me descobrir e ser mulher solidária com outras mulheres.

Um lugar dado à poesia, onde é possível sonhar e lentamente ir modelando, com as próprias mãos, o mundo diferente que não acreditávamos possível.

Um modo de viver que se aprende na identificação com o povo porque com ele caminhamos nos tacteamentos e descobertas da nossa História colectiva.

Uma ponte para Cristo: um Cristo novo que vou conhecendo dia a dia, que me obriga a uma procura constante e dá força à minha luta.

*Teresa Maria Vasconcelos
Educadora de Infância
Viana do Castelo*

PARA MIM O GRAAL É...

O lugar que encontrei para me situar como mulher que quer dar o seu contributo a esta sociedade em transformação.

A certeza de estar no caminho certo para alcançar um mundo melhor.

A inquietação que sinto quando tudo está parado.

*Lucinda Bento
Trabalhadora rural
Ereira (Coimbra)*

UMA HISTÓRIA VIVIDA

Perguntam-me o que é o Graal?

Um espaço de diálogo em que sou eu própria (mulher, casada, profissional, portuguesa...) e me aceitam assim (com o meu temperamento e as minhas opções). Um espaço em que existencialmente experimento a Igreja universal e a riqueza que é isso de sermos pessoas diferentes. Um espaço em que vivi (menina e moça) a densidade de uma vida comunitária. Um espaço em que fui ouvindo desafios.

O Espírito sopra onde quer (onde há silêncio e a atenção está desperta): para mim soprou muito aqui, neste espaço Graal. Soprou fresco, saltitante e alegre dos vinte anos. Soprou denso dos trinta e muitos... quando o mundo nos acha tontos se arriscamos palavras ou gestos que falam de serviço, empenhamento, libertação.

O compromisso de «construir o Reino» balbuciado na juventude foi tomando forma neste espaço. E tudo é ao mesmo tempo importante e relativo: o casamento, os filhos, a realização profissional, as opções políticas.

Construir o Reino agora e aqui: na festa de anos da Rita (na praia, uma dúzia de miúdos, com mergulhos e pães à mistura); na entrevista que o Pedro me faz (para apresentar no liceu) sobre a condição feminina; na atenção dada às reflexões proféticas do Gonçalo («tantos criados a servir a gente no restaurante — até parecem escravos!»).

Construir o Reino no casamento — como fazer o outro feliz, permanecendo eu própria? Construir o Reino junto à Mãe agonizante, através de quem aprendo que a vida vale pelo sentido que lhe demos e que a morte é libertação. Construir o Reino na profissão — no serviço aos outros e não aos papéis.

Construir o Reino no transitório e com imaginação. Construir o Reino na alegria.

Ana Maria Braga da Cruz